

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**DAYANA DE SOUSA PAULA
VITTORIA LAÍSA SILVA DIAS**

**A MÚSICA NA PSICOTERAPIA: POSSIBILIDADES NO CUIDADO DE
PESSOAS COM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS**

UBERABA-MG

2023

Dayana De Sousa Paula
Vittoria Laísa Silva Dias

A MÚSICA NA PSICOTERAPIA: POSSIBILIDADES NO CUIDADO DE PESSOAS COM
TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharel em psicologia da Universidade de Uberaba como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadores: Prof. Me. Rafael Silvério Borges

Prof. Me. Arthur Afonso Silva-Sousa

Uberaba-MG

2023

A MÚSICA NA PSICOTERAPIA: POSSIBILIDADES NO CUIDADO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS.

Resumo: Este artigo é uma revisão bibliográfica e visa promover um olhar mais amplo a respeito da utilização da música em diferentes espaços de promoção à saúde de pacientes com transtornos mentais e sofrimento psíquico. Embora os sons em geral e a música estejam presentes em nossas vidas desde os primórdios da civilização fazendo-se presente em todos os momentos, muitas vezes apenas se ouve e não se escuta, ou seja, a música não é percebida como um importante instrumento na percepção dos sentimentos e das emoções, com isso, buscamos ampliar o reconhecimento dos benefícios de sua utilização de maneira psicoterápica.

Palavras-chave: música, musicoterapia, transtornos mentais.

1. INTRODUÇÃO:

De acordo com Hays e Minichiello (2011), a música é social e vem modificando ao longo dos anos em nossa sociedade, fazendo cada dia mais parte do cotidiano das pessoas, por isso, notamos como a música afeta diretamente o comportamento do indivíduo, ocasionando imediatamente ou gradualmente mudanças de conduta. A ideia de que a música afeta o bem-estar, a saúde e ajuda em situações extremas transcorre desde a época de Aristóteles e Platão, nota-se que música tem sido forma de expressar emoções e afetos, além de facilitar o acesso a memórias, e sentimentos reprimidos (AREIAS, 2016).

A música vai influenciar nossas relações em sociedade, com isso a interação que temos com outros indivíduos, altera nosso *status quo* e nossa fisiologia, logo em pacientes portadores de transtornos mentais, isso não é diferente. Para Kim (2011) a memória é consolidada no hipocampo e a parte que recebe os estímulos auditivos está localizada no lobo temporal. Logo, percebe-se uma rica interação entre música e ativação de recordações, sentimentos e emoções, e a partir disso é possível trabalhar vários aspectos da subjetividade do indivíduo, desde aquilo que está latente até o que é emergente.

A música na psicoterapia pode ser mediada por um profissional com especialização na área, intitulado como musicoterapeuta, nesse sentido o trabalho é pautado por técnicas de manejo e investigação e é mais aprofundado, levando em consideração aspectos da história de vida do paciente e sua relação com sons desde antes do nascimento, portanto a musicoterapia

tem suas particularidades, com relação a utilização da música como instrumento psicoterápico. O psicólogo pode utilizar a música como instrumento em diferentes níveis de atenção à saúde, resultando em ganhos positivos no tratamento de pacientes em sofrimento psíquico por decorrência de transtornos mentais.

Na rede de atenção secundária à saúde dentro do SUS (Sistema Único de Saúde) é possível inserir no contexto terapêutico a música para pessoas em sofrimento psíquico, com transtornos mentais e seus familiares; o psicólogo é um dos profissionais que consegue fazer esse manejo e trabalhar a partir disso as emoções e sentimentos das pessoas que frequentam a unidade, podendo trabalhar também a promoção e prevenção de saúde, além da socialização por meio da música.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo tem como propósito apontar o benefício da música na psicoterapia como uma ferramenta que facilita o acesso à memória, interferindo diretamente nas variações de humor, despertando diferentes sensações, emoções e sentimentos, a fim de abrir canais de comunicação, permitir o alívio da dor e compreender como a música tem sido utilizada enquanto recurso terapêutico no tratamento de pessoas com transtornos mentais.

Segundo Cordioli (2008), a psicoterapia tem sua origem na medicina antiga, no curandeirismo e na hipnose e foi inicialmente chamada de cura pela fala. No final do século XIX, passou a ser utilizada no tratamento das chamadas doenças nervosas e mentais, tornando-se assim uma atividade médica, mas exclusivamente para psiquiatras. Mais tarde, no século XX, outros profissionais como psicólogos, médicos clínicos, assistentes sociais e outros, começaram cuidar dos pacientes além do modelo médico. Assim, devido à disseminação de modelos e métodos, surgiram as escolas e sociedades científicas, que se organizaram para oferecer cursos de formação na área psicológica (RODRIGUES e SILVA, 2021).

Existem diferentes tipos de psicoterapia, e para Cordioli (2008) o conceito vai desde a psicoterapia breve, destinada a ajudar o paciente com um problema em questão, até tipos mais complexos, como a psicanálise ou a terapia de orientação analítica, sugerindo uma modificação pertencente à personalidade do paciente.

Fubini (2019) apresenta que a música é uma arte polimórfica e complexa, porque desperta interesse e pode ser analisada em diferentes campos, não tendo, portanto, uma definição específica que a transforme ao longo do período na perspectiva em que foi utilizada. Segundo Areias (2016), a música é um modelo da expressão interior de um ser humano e através

dela é possível compartilhar afetos ou emoções, estreitar relacionamentos com o desenvolvimento da empatia, ampliá-los e favorecer o acesso a memórias emocionais, contudo, para Jung (2012), a música é uma expressão simbólica do inconsciente coletivo, porque toca o mais profundo do nosso ser, a nossa alma. Quando exposto à música, a reação é instintiva, não racional ou mesmo controlável.

Para Muszkat (2012), a música se manifesta como estética, terapia ou ritual evocando no homem o seu oposto, seus elementos de lógica, proporção e simetria estão intimamente relacionados e entrelaçados com elementos de tensão e relaxamento que são sentidos ou interpretados conceitualmente apenas em bases abstratas, que exigem uma definição do homem, suas formas de sentir e pensar sobre o mundo, portanto, modifica seu sistema cultural e social. Contudo busca-se compreender como a música tem sido utilizada enquanto recurso terapêutico no tratamento de pessoas com transtornos mentais.

3. MATERIAIS E MÉTODO:

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de discutir e descrever algum assunto a partir de um olhar contextual e teórico de acordo com Ruther (2007), logo foram analisadas literaturas publicadas em artigos de revistas e bases como Scielo, Capes, Pepsic e Google Acadêmico, ao todo foram recuperados 33 artigos, os quais foram publicados entre os anos 2000 e 2022.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

- ***A história da música como instrumento de cuidado***

A música está inserida em nossas vidas desde antes do nascimento, e sua utilização com crianças é extremamente positiva para o seu desenvolvimento independentemente se no futuro esse indivíduo virá a ter ou não alguma questão relacionada a transtornos mentais. Para Muszkat (2012) a exposição precoce à música, além de ser um método facilitador para o surgimento de habilidades ocultas, contribui para a construção de uma criança conectada, fluida, emocionalmente, competente e criativa. Para o autor, crianças expostas a um ambiente de enriquecimento sensorial apresentam mais reações fisiológicas em áreas cerebrais, maior atividade nas áreas associativas do cérebro, maior grau de formação de novos neurônios em uma área importante para a memória, como o hipocampo e redução da perda neural.

Onde há movimento, há som, e onde há som, há vida, por conseguinte vida humana, que desde os primórdios é rodeada por sons que vão sendo lapidados e se tornam melodias, que por sua vez podem ser consideradas a essência das músicas. A música é uma das partes mais antigas e fundamentais da cognição social, também é considerada precursora de uma profunda capacidade de conectar emocionalmente as pessoas, bem como mudar comportamentos fisiológicos, subjetivos, emoções e percepções do tempo. Segundo Hays e Minichiello (2005 apud PIMENTEL e DONNELLY, 2008), a música é um elemento social que mantém papéis clássicos e definições próprias ao longo da história em diferentes contextos.

A música pode ser usada em diversos contextos que envolvem saúde mental, e um deles é por meio da musicoterapia, que acontece por intermédio de um profissional musicoterapeuta. Tal modelo começou a ser reconhecido e utilizado em 1950 nos Estados Unidos. De certa forma ainda é recente a sua utilização, mas tem o poder de causar um impacto positivo para aqueles que escolhem utilizar dessa técnica para tratar questões psicológicas. O trabalho do musicoterapeuta vai além de colocar uma música e interagir com o paciente, ele irá procurar entender sua significação e trabalhar de modo que por meio da música o paciente possa ressignificar questões da sua subjetividade e apresentar melhora ou estabilidade de alguma queixa (BRUSCIA, 2000; CHAGAS & PEDRO, 2008).

A música se faz presente como instrumento de cuidado de pacientes em sofrimento psíquico, acometidos pelas mais diversas condições como por exemplo esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão, entre outros. Quando falamos em instrumento, significa que é algo que tem o poder de transformar, nesse contexto a música não é diferente, o conhecimento de que a música afeta a saúde e o bem estar já existia no tempo de Aristóteles e Platão, logo entende-se que a presença da música possibilita a pessoa a refletir sobre sua existência e leva a construção de objetivos para o futuro, com isso a transformação do seu estado psíquico e/ou físico, no qual a sua condição de saúde não precisar ser um empecilho para uma vida digna e estável (AREIAS, 2016).

- ***Benefícios da música no cuidado de pessoas com transtornos mentais***

A música tem um valor muito importante para o desenvolvimento da vida e da personalidade, “ela se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar,

interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (SAMPALIO, 2005). A desorganização mental é uma característica, presente em diversos transtornos mentais, muitas vezes tratada somente com auxílio medicamentoso, entretanto, quando existe a possibilidade do uso da música como ferramenta terapêutica, identifica-se no paciente uma possibilidade de organização das ideias e correlação com aspectos de sua vida e experiências vividas a priori. Por meio da música é possível inserir pacientes com transtornos mentais em grupos, facilitando um primeiro contato, assim como a comunicação com os outros integrantes, promovendo autonomia e interação (BATISTA; RIBEIRO, 2016).

As intervenções musicais, assim como a musicoterapia propriamente dita, tornam-se cada vez mais importantes no manejo dos sintomas das psicopatologias, aprimorando o bem-estar, a autoestima, a comunicação verbal e não verbal, o desenvolvimento interpessoal e a autopercepção nas pessoas com transtornos mentais. Segundo Borges e col. (2018, p.7) "Ainda no campo da saúde mental, o uso da música tem demonstrado efeito terapêutico ao reduzir significativamente a ansiedade, a depressão e os afetos negativos e aumentar a autoestima e os aspectos positivos dos pacientes com demência e transtornos psiquiátricos”.

Além de benefícios psíquicos e sociais, a música pode trazer para o homem mudanças no seu estado físico e mental. Nobre et al. (2012) apresenta as alterações que acontecem no corpo do ser humano sob a influência da música tais como frequência respiratória e cardíaca, alteração bioquímica do sistema imunológico/endócrino, pressão arterial, temperatura do corpo, motivação, controle de impulsos e variações de sentimentos.

Ao contrário de alguns procedimentos médicos, a música é um tipo de tratamento inofensivo e indolor que fornece efeitos colaterais mínimos ou nulos, além disso, há uma economia de recursos financeiros durante a utilização da música, também podemos citar outros benefícios, como progresso cognitivo, atenção e memória. Há também evidências de sintomas e sentimentos disfuncionais reduzidos, facilitação da comunicação pessoal e interpessoal, redução da dor física e mental, entre outros. (ANDRADE, 2018).

Miranda (2013) destaca a eficácia da utilização da música, de modo psicoterapêutico e sua capacidade e agilidade para modificar diversas condições clínicas, prevenir doenças físicas e mentais, ajudar a equilibrar os sistemas imunológico e endócrino, melhorar as habilidades cognitivas aumentando a sensação de bem-estar graças ao aumento produção de serotonina e dopamina, afetando positivamente o comportamento, emoções e reações motoras.

- ***Limites e possibilidades de cuidado em diferentes níveis de atenção em saúde***

A música na área da saúde é utilizada não apenas por musicoterapeutas, mas também por outros profissionais da saúde como um recurso adicional em sua prática profissional. Nos últimos 20 anos, houve um aumento significativo no número de estudos sobre o uso da música ou a musicoterapia no ambiente hospitalar, com resultados variados em uma ampla gama de especialidades (KAMIOKA et al., 2014).

Para Glasziou (2015) por ser uma técnica livre de fármacos, a música oferece algumas vantagens, além de ser considerada um instrumento de baixo custo em comparação ao valor de outras técnicas terapêuticas. A utilização da música melhora a experiência do usuário seja paciente, ou acompanhante, no entanto, as melhores formas de usar música em hospitais em diversos contextos não são claras para os especialistas da equipe multidisciplinar, especialmente sob o uso com pacientes em coma (RAFAELE et al., 2019).

Segundo Batista e Ribeiro (2016), a música no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) tem sido utilizada como mediadora das relações grupais e na construção de vínculos interpessoais entre os usuários, considerando o contexto social do CAPS e como a maioria dos usuários tem dificuldade em formar novos vínculos. Experimentar a música, através da atividade musical subsidia o relacionamento com a rede de significados vivenciada no mundo social, como parte da cultura em uma dimensão coletiva (WAZLAWICK et.al, 2007).

Para Batista e Ribeiro (2016) a música utilizada em um contexto grupal promove estratégias de cuidados no CAPS, descrita como uma ferramenta que facilita as transformações dos indivíduos e grupos, em lidar com situações, problemas da vida cotidiana e na melhoria das condições de vida. O CAPS deve escolher intervenções que possam criar laços que se fortalecem diariamente e que oferecem espaços agradáveis para as diferentes necessidades do sujeito em sofrimento psíquico, elencando respostas eficazes a essas necessidades e contribuindo para estabelecer uma ligação com a instituição, logo aderência ao tratamento (FERRARI, 2006). A Rede de Atenção secundária contempla Centros de Atenção Psicossocial que podem ser de tipo I, II, III, álcool e drogas (CAPSad) e infanto-juvenil (CAPSi), entre outras instituições.

Segundo Areias (2016) na atenção terciária em hospitais de grande porte a música ajuda na diminuição do nível de ansiedade em pacientes, que estão em cuidados pré-operatórios, algumas vezes com uma eficácia maior que alguns fármacos, pois a música atua estimulando a liberação de endorfinas e neuro-hormônios produzidos na hipófise, que tem forte efeito analgésico estimulando a sensação de bem-estar, conforto e conseqüentemente melhora o humor.

Batista e Ribeiro (2016) ressaltam que a música, como parte do conjunto de expressões artísticas, também passou a ser utilizada como ferramenta no desenvolvimento de intervenções terapêuticas que promovem a reabilitação e inclusão no tratamento de pessoas em sofrimento psíquico. Estudos comprovam que a música influencia diretamente no cérebro afetando a forma como agimos no mundo, atualmente, ainda não foi localizado no cérebro humano um ponto que pode ser classificado como centro da apreciação musical, porém o córtex frontal atua de forma importantíssima, vez que é o responsável por captar ritmo e absorver a melodia (AREIAS, 2016).

Para Jung (2002), a música está relacionada com nosso inconsciente coletivo, em que se encontram as imagens latentes chamadas de arquétipos, que exprimem sentimentos, decorrentes de processos inconscientes, como sons e imagens visuais, com isso a ideia de que a música afeta porções inconsciente do ser, se fundamenta e fortifica. Em *A Natureza da Psique*, Jung (2011) traça como um estímulo acústico a capacidade de evocar ideias sobre a psique e explica que quando um som indefinido é ouvido, esse estímulo sonoro, ativa e provoca uma série de representações que se desenvolvem nas imagens acústicas, visual e sensorial, logo, isso pode provocar alterações positivas no estado físico e subjetivo do indivíduo.

Conforme César (2018) o ato de fazer música é um arquetípico, uma vez que arquétipo é um conjunto de imagens psíquicas, na qual se torna um instrumento de expressão, assim como a linguagem, podendo conceber que as obras e produções musicais são passíveis de serem apreendidas como manifestações simbólicas dos mais variados arquétipos, logo as produções músicas podem ser consideradas símbolos inconscientes. Nesta perspectiva, a música é capaz de conduzir temas arquetípicos quando da sua criação e execução, propiciam a manifestação correlatas em: músicas sobre amor, felicidade, família, amizade, saudade, existencialismo, religião e morte.

Neste sentido Muszkat (2012) relata que a educação musical favorece a ativação de neurônios-espelho, um grupo de células que parecem estar associadas a comportamentos empáticos, sociais e imitativos. Esses neurônios são essenciais para a cognição social humana, que é um conjunto de processos cognitivos e emocionais responsáveis pelas funções de empatia, reflexão afetiva e compreensão de ambiguidades na linguagem verbal e não verbal. Segundo este autor, a música tem o potencial de reorganizar e redimensionar o cérebro, logo sua utilização em pacientes com transtornos mentais traz uma evolução de melhora no seu quadro clínico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a revisão bibliográfica conclui-se que a energia que a música carrega trabalha diversos pontos da personalidade como o retraimento, timidez, comunicação e autoestima. A música se torna um facilitador na abertura de canais de comunicação, gerando interação nos mais diversos ambientes e grupos sociais que um indivíduo pode se inserir.

A riqueza de benefícios que esse instrumento leva pode ser descrita, mas não medida, pois toca na subjetividade de um modo único e particular em cada sujeito, visto que o funcionamento de cada um se dá de uma maneira diferente. Em processos terapêuticos a música ajuda os pacientes a elaborarem questões, os terapeutas a entenderem as projeções e ambos a fortalecerem o vínculo terapêutico, que é indispensável em qualquer atendimento psicoterápico.

Diante de tantos benefícios, nos deparamos com um cenário pobre em pesquisa nessa área, por esse motivo verificamos que a contribuição por meio desse trabalho pode acrescer as informações sobre o tema, visto que a música é um instrumento de fácil acesso e baixo custo para a população, objetivando a diminuição de fármacos pelo fato de não possuir contraindicação ou efeito colateral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. O. **Estética da Música**. RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas, SP, v. 5, p. e019042, 2019. DOI: 10.20888/ridphe_r.v5i0.12608. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/12608>. Acesso em: 2 dez. 2022.

AREIAS, J. Nascer e Crescer. Revista de pediatria do centro hospitalar do porto. **A música, a saúde e o bem-estar**. [s.l.] 2016, vol 15, n.º 1, p. 7-10, mar, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317470731_A_musica_a_saude_e_o_bem_estar. Acesso em: 09 jul. 2022

BATISTA, N. S.; RIBEIRO, M. C. O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, 27(3), 336-341. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p336-34>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/105337>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BORGES, A. P. F.; JÚNIOR, R.A. **Neurociência da música e ações da musicoterapia nos transtornos mentais: uma revisão sistemática**. Trabalho de conclusão de curso - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2093>. Acesso em: 19 out. 2022.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CÉSAR, J. Música: uma possível ampliação de recursos no setting analítico. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v.36, n.1, p.9-18, jan./jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100004 Acesso em: 01 jun. 2022.

CHAGAS, M, & PEDRO, R. **Musicoterapia desafios entre a modernidade e a contemporaneidade**: como sofrem os híbridos e como se divertem. Rio de Janeiro: Mauad e Bapera Editora, 2008.

CORDEIRO, R. C.; RODRIGUES, I. M. B.; REIS, M. R. P.; FREIRE, M. H. Musicoterapia e saúde mental na Revista Brasileira de Musicoterapia: uma revisão sistemática. **União Brasileira das Associações de Musicoterapia**, [s.l.] (p. 262-265). dez, 2017. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/198>. Acesso em: 19 maio. 2022.

CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias**: Abordagens atuais. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FERRARI, S.M.L. **Terapia Ocupacional**: a clínica numa instituição de saúde mental. Caderno Terapia Ocupacional UFSCar. 2006;14(2):121-7. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/161/117> . Acesso em: 12 dez. 2022.

FUBINI, E. **Estética da Música**. Lisboa: Edições 70, 2008.

GLASZIOU, P. **Music in hospital**. London, v. 386, n. 10004, p. 1609-1610, 2015. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)60640-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(15)60640-7). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)60640-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)60640-7/fulltext). Acesso em 29 nov. 2022.

HAYS, T.; MINICHIELLO, V.; **The meaning of music in the lives of older people**: a qualitative study. Psychology Of Music, New England, v.33, n4, p.437-451, set, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0305735605056160>. Acesso em: 01 jul. 2022.

JUNG, C. G. **Cartas de C. G.** p.150, Jung: 1946-1955. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. v. 2.]

JÚNIOR, C.A.M.; FARIA, N.C. **Memória**. Juiz de Fora, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kpHrP364B3x94KcHpCkVkJQM/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2022.

JÚNIOR, H. A. Eficácia terapêutica da música: um olhar transdisciplinar de saúde para equipes, pacientes e acompanhantes. **Revista Enfermagem UERJ**, [S.l.], v. 26, p. e29155, ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.29155>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/29155>. Acesso em: 12 dez. 2022.

JUNQUEIRA, V. R. O. **A Música como estratégia terapêutica em saúde mental: Revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13620> . Acesso em: 25 nov. 2022.

KAMIOKA, H. et al. Effectiveness of music therapy: a summary of systematic reviews based on randomized controlled trials of music interventions. *Patient Preference and Adherence*, Auckland, v. 8, p. 727-754, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.2147/PPA.S61340>. Disponível em: <https://www.dovepress.com/effectiveness-of-music-therapy-a-summary-of-systematic-reviews-based-o-peer-reviewed-fulltext-article-PPA>. Acesso em: 04 set. 2022.

Kim, J. (2011). *Philosophy of mind* (3rd ed.). Boulder, CO: Westview Press.

LIMA, A; ESPINDOLA, C.R. Esquizofrenia: funções cognitivas, análise do comportamento e propostas de reabilitação. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 15, n. 1, p. 105-112, abr. 2015 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 12 dez. 2022.

MARQUES, P. **A influência da música na saúde mental e bem-estar: um estudo exploratório**. Mestrado em Psicologia, ramo de Psicologia Clínica e da Saúde, 2017. Disponível em:

<https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/6035#:~:text=Os%20resultados%20sugerem%20que%20os,relativas%20%C3%A0%20experi%C3%A0ncia%20da%20m%C3%BAstica>. Acesso em: 26 maio 2022.

MIRANDA, M. B. **A música e as emoções: os benefícios da educação musical amparados na neurociência**. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música), Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO. Rio de Janeiro, 2013. 01-36 p. Disponível em: <http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/matheusmiranda.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MUSZKAT, M. Música, neurociência e desenvolvimento humano. In: JORDÃO, Gisele et al. *A Música na Escola*. São Paulo: Allucci e Associados Comunicações, 2012, p. 67-69. Disponível em: <http://www.amusicaescola.com.br/pdf/Mauro_Muszkat.pdf> Acesso em: 8 de abril de 2017.

NAGAISHI, K. Y.; CIPULLO, M. A. T. Canção como recurso de trabalho para psicólogos: um levantamento de artigos publicados. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 67, n. 146, p. 67-82, jan.

2017 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432017000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2022.

NOBRE, D. V.; LEITE, H. R.; ORSINI, M.; CORRÊA, C. L. **Respostas fisiológicas ao estímulo musical**: revisão de literatura. *Rev Neurocienc, Paraná*, 2012. 625-633 p.

Disponível em:

<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2012/RN2004/revisao%2020%2004/694%20revisao.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

OSELAME, M. *et al.* A atuação do musicoterapeuta em emergências, pandemias, desastres e catástrofes. **União Brasileira das Associações de Musicoterapia**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2021/06/A-ATUACAO-DO-MUSICOTERAPEUTA-EM-SITUACAO-DE-EMERGENCIA-PANDEMIAS-DESASTRES-E-CATASTROFES.pdf>. Acesso em: 05 maio 2022.

RAFAELE, T., *et al.* Terapia musical em pacientes com distúrbios da consciência: uma revisão integrativa. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online]. 2019, v. 27, n. 4 pp. 873-884. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1909>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/4P4r4QmnLLsxYJCJ3P4KkZVt/?lang=en>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RODRIGUES, J. P. M.; SILVA, L.H.B.S. **Os benefícios da musicoterapia como recurso**: os psicólogos utilizam esse recurso?. Trabalho de Curso apresentado à Faculdade UNA de Catalão – UNACAT, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17278/3/TCC%20-%20Jos%C3%A9%20Pedro%20e%20Luis%20Hernane.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

SAMPAIO, R. Por uma nova noção de Música em Musicoterapia. In: **Apontamentos em Musicoterapia**, 1, 21-24. São Paulo: Apontamentos, 2005.

SANTOS, I.; CALUMBI, L.; TARQUINO, M.; MOREIRA, A. **Acordes e notas possíveis na esquizofrenia**: Uma Análise Sobre O Filme “O Solista”. Faculdade Pernambucana de Saúde. Recife, 2021. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/jspui/handle/fpsrepo/1014>. Acesso em: 08 set. 2022.

SANTOS, J. **A influência da música no processo cognitivo e emocional da criança e sua utilização como instrumento pedagógico**. Viçosa, 2017. Disponível em:

https://www.ped.ufv.br/wp-content/uploads/2018/11/Jessica_Santos.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

SIQUEIRA, J. L. D.; LAGO, A. M. C. V. Coletivo da música: um estudo sobre relações entre arte e saúde mental. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 93-111, jun. 2012 .

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2022.

WAZLAWICK, P. CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K. **Significados e sentidos da música**:

uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo* [online]. 2007, v. 12, n. 1, pp. 105-113. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100013>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/W4WkFgKY8ZzqYrBbG4b3CYw/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

YAO, Y. *et al.* **The Effects of Music Intervention on Pallidum-DMN Circuit of Schizophrenia.** *Biomed Res Int.* 2020. DOI: 10.1155/2020/4107065. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7525302/>. Acesso em: 15 out. 2022.